

da avaliação se constituem como novos modos de dominação, de gestão e de governança. Assim, a política dos indicadores estatísticos domina a sociedade ao retroagir sobre os comportamentos dos

atores sociais, mas isso é mais perceptível do ponto de vista de uma sociologia da quantificação.

Antonio Paulino de Sousa

Klein, Naomi (2016), *Tudo pode mudar. Capitalismo vs. clima*. Tradução de Ana Cristina Pais. Lisboa: Editorial Presença, 653 pp.

Vivemos em tempo de crise. As escolhas que fizermos serão decisivas. Ou mudamos radicalmente o nosso sistema económico, ou ele muda radicalmente o nosso mundo. O capitalismo e o clima estão em colisão. As alterações climáticas são uma batalha entre o capitalismo e o planeta. É esta a tese da jornalista e ativista canadiana Naomi Klein. Publicado em 2014,¹ *Tudo pode mudar* pode ser considerado uma seqüela de um livro anterior que a autora intitulou *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*.² Em 2008, Naomi Klein argumentou que o mercado desregulado e global não triunfou democraticamente. Pelo contrário, o capitalismo usa constantemente a violência contra o indivíduo e a sociedade, aproveitando-se das crises (guerra, desastres ou insegurança) para introduzir medidas impopulares de choque económico. Também podemos considerar *Tudo pode mudar*³ como mais um volume da sua crítica ao capitalismo. Vale a pena recordar outro livro da autora publicado em 2000, com o título *No Logo*,⁴ onde aborda as más práticas das grandes marcas, desde o

dinheiro que gastam em publicidade e seus efeitos negativos, à exploração dos seus trabalhadores.

Em *Tudo pode mudar* a autora sustenta que a problemática das alterações climáticas traz consigo um “poder revolucionário” (Capítulo 1). Para evitar um “futuro sombrio” é necessário mudar o modo como vivemos e “como as nossas economias funcionam”, mudar as “histórias que contamos sobre o nosso lugar na Terra” (p. 15). A crise climática pode, por isso, “constituir a base de um poderoso movimento de massas” (p. 19).

Num regresso à sua crítica do “fundamentalismo do mercado livre” (Capítulo 2), Klein denuncia a imposição de um quadro político global com máximas liberdades para as empresas multinacionais, que detêm demasiado poder político. Denuncia os mecanismos que lhes dão esse poder. Salienta a existência de lóbis ideológicos e económicos poderosos por detrás do negacionismo em matéria climática. Segundo ela, podemos encontrar nas negociações internacionais das últimas décadas dois processos paralelos:

¹ Naomi Klein (2014), *This Changes Everything: Capitalism vs. The Climate*. New York: Simon & Schuster, Inc.

² Naomi Klein (2008), *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*. New York: Henry Holt and Company, Inc.

³ Venceu o prémio Hilary Weston Writers' Trust Prize for Nonfiction.

⁴ Naomi Klein (2000), *No Logo: Taking Aim at the Brand Bullies*. Toronto: Vintage Canada Edition, Random House of Canada Limited.

o falhanço do processo climático e o vitorioso processo de globalização empresarial. É o fundamentalismo de mercado que tem sabotado a resposta coletiva às alterações climáticas. Neste sentido, afirma que grande parte do movimento pelo clima desperdiçou décadas procurando soluções de mercado para o problema. As alterações climáticas constituem um desafio profundo ao “centrismo cauteloso” e ao “fetiche do centrismo” (p. 37).

Para superarmos a crise climática necessitamos de ação coletiva numa escala sem precedentes. A difamação da ação coletiva e a veneração da busca do lucro infiltraram-se nas nossas sociedades e nas nossas almas. Por isso é necessário “ultrapassar os bloqueios ideológicos” (Capítulo 3). Para evitarmos o pior, as soluções modestas não bastam. Os defensores do capitalismo verde não são realistas quando apregoam as maravilhas da tecnologia verde ou a dissociação dos impactos ambientais da atividade económica. A economia não pode continuar a funcionar da mesma maneira. A autora acredita que há uma relação clara entre a propriedade pública e a capacidade das comunidades abandonarem os combustíveis fósseis. É necessário derrubar um dos mitos ideológicos da era do mercado livre: que os serviços geridos pelo setor privado são superiores aos do setor público. O “planeamento e a proibição” (Capítulo 4) têm também um papel a desempenhar. Mas um planeamento que difere das versões mais centralizadas do passado. As comunidades deveriam receber poderes para definir os métodos que melhor funcionam para elas. A descentralização do poder e a ação climática bem-sucedida andam de mãos dadas.

É também fundamental “ir além” do modelo económico extrativista (Capítulo 5). O extrativismo é uma relação não recíproca com a Terra, baseada no domínio e na violência, uma relação que tira sem cuidar.

O extrativismo também está ligado à ideia de “zonas de sacrifício”, lugares que não contam, que podem ser envenenados e destruídos. Esta “ideia tóxica sempre esteve ligada ao imperialismo”, com povos e culturas sacrificáveis e noções de superioridade racial (p. 211).

Neste livro, Naomi Klein também aborda as “ligações entre grandes empresas e grandes grupos verdes” (Capítulo 6) e a ideia de que são “os multimilionários verdes” que “nos vão salvar” (Capítulo 7). Refere-se às boas intenções de alguns, apresentando factos de como as exigências de construir um império de sucesso superaram o imperativo climático.

Sobre as soluções tecnológicas para os problemas, a autora é clara e mesmo demolidora, afirmando que a geoengenharia pode ser “o último ato trágico nesta história fantasista de controlo” (p. 326). Pergunta “a solução para a poluição é mais poluição?” (Capítulo 8). A geoengenharia é de alto risco e com grande probabilidade de criar ainda mais problemas. A solução não é consertar o nosso mundo, mas sim consertarmo-nos a nós próprios. É necessário regressar à precaução. Por exemplo, cabe à indústria provar que os seus métodos são seguros. Quando a saúde humana e o ambiente estão substancialmente em risco, não é necessária certeza científica absoluta antes de passar à ação.

As tentativas “de enfrentar as alterações climáticas” serão infrutíferas, a não ser que sejam encaradas “como parte de uma batalha muito mais alargada de cosmovisões, um processo de reconstrução e reinvenção da ideia do que é coletivo, do que é comunitário, do que são recursos comuns, do que é civilizado e do que é cívico” (p. 552). As soluções para a crise climática “são também a melhor esperança de construir um sistema económico muito mais estável e equitativo, que fortaleça e transforme a esfera pública, promova o

trabalho em abundância e digno e controle radicalmente a ganância empresarial” (p. 159). Uma resposta robusta às reduções de emissões pode constituir a base de um projeto económico transformador. Daí a pertinência do *slogan* “Alteração do sistema, não alterações climáticas” (p. 195). Naomi Klein neste livro faz um intenso apelo à mobilização e à ação. Apresenta exemplos da crescente resistência dos cidadãos aos planos da indústria extractiva de combustíveis fósseis (Capítulo 9) e acredita no potencial destes movimentos para revitalizar a democracia (Capítulo 10). Defende os direitos dos indígenas (Capítulo 11) como direitos de todos e o pagamento da dívida histórica dos países mais ricos (Capítulo 12). Podemos no entanto levantar algumas questões: Como fazer face aos poderosos interesses instalados e mobilizar um conjunto de pessoas e países que não se sentem seriamente ameaçados pelas alterações climáticas no imediato? Saberão as sociedades superar as tensões resultantes das crescentes migrações ambientais e resistir à tentação da guerra? Poderão as alterações climáticas contribuir para mudar o sistema

político e económico, mas para pior? Como terá dito Walter Benjamin “cada ressurgimento do fascismo dá testemunho de uma revolução fracassada”.⁵ É uma responsabilidade histórica. Cabe-nos dar a resposta nas próximas décadas.

Este livro, que como o anterior já deu origem a um documentário cinematográfico (realizado por Avi Lewis), é também uma tomada de posição num crescente debate que se tem desenrolado sobre a possibilidade de se superar a crise climática (e ecológica) no quadro do funcionamento do sistema capitalista, nomeadamente na sua versão neoliberal. A célebre expressão “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” está a perder validade. Entre aqueles que acreditam que podemos superar a crise climática no quadro do capitalismo e aqueles que defendem que só no quadro de um sistema substancialmente diferente se pode garantir a sustentabilidade ecológica e o bem-estar da humanidade, Naomi Klein toma posição.

Pedro Miguel Cardoso

Pereira, Ricardo Araújo (2016), *A Doença, o Sofrimento e a Morte entram num Bar: uma espécie de manual de escrita humorística*. Lisboa: Tinta-da-China, 112 pp.

No seu novo livro, Ricardo Araújo Pereira (RAP) propõe-se pensar a natureza do humor. O título da obra, que convoca a “morte” para o início de uma anedota, é revelador da forma como o autor o irá fazer: explorando a ligação inextricável do humor com a dor e o sofrimento.

RAP encontra no sentido de humor um mecanismo destinado a manipular e a iludir o medo que temos da “doença”, do “sofrimento” e da “morte”. Um atributo funcional – algo parecido com um instinto de sobrevivência – que desenvolvemos de forma a conseguir fazer face a

⁵ Walter Benjamin citado por Slavoj Žižek (2013), *Demanding the Impossible*. Organização de Yong-june Park. Cambridge: Polity Press.